

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
IACS/GAT

FOLK METAL: A APROPRIAÇÃO E O HIBRIDISMO CULTURAL

LEONARDO NUNES MONTEIRO

NITERÓI – RIO DE JANEIRO
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
IACS/GAT

Folk Metal: a apropriação e o hibridismo cultural

LEONARDO NUNES MONTEIRO

Trabalho de conclusão de curso feito pelo aluno Leonardo Nunes Monteiro, apresentado para a conclusão do Trabalho Final II orientado pela Professora Flávia Lages para obtenção de Graduação do curso de Produção Cultural, da Universidade Federal Fluminense.

Orientadora: Prof. Dr. Flávia Lages

NITERÓI – RIO DE JANEIRO
2016

M775 Monteiro, Leonardo Nunes.
Folk metal : a apropriação e o hibridismo cultural / Leonardo
Nunes Monteiro. – 2016.

65 f. : il.

Orientadora: Flávia Lages.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, 2016.

Bibliografia: f. 53-55.

1. Folk metal. 2. Heavy metal. 3. Fusão cultural. 4. Música.
5. Mitologia. I. Lages, Flavia. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

FOLK METAL A APROPRIAÇÃO E O HIBRIDISMO CULTURAL

POR

LEONARDO NUNES MONTEIRO

Trabalho de conclusão de curso feito pelo aluno Leonardo Nunes Monteiro, apresentado para a conclusão do Trabalho Final II orientado pela Professora Flávia Lages para obtenção de Graduação do curso de Produção Cultural, da Universidade Federal Fluminense.

Banca examinadora

Pro^a. Dr. Flávia Lages - Orientadora

Prof. Mestre, Luiz Mendonça

Prof. Mestre Kyoma Oliveira

Niterói,

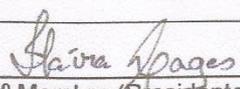
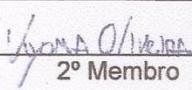
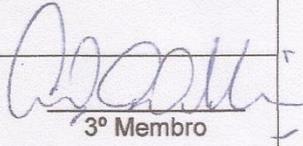


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GGR

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: LEONARDO NUNES MONTEIRO	Matrícula: 212.033.053
Título do Trabalho: "FOLK METAL: A APROPRIAÇÃO E O HIBRIDISMO CULTURAL"	
Orientador: Dra. Flávia Lages	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 20/12/2016

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): Dra. Flávia Lages
2º Membro: Me. Kyoma Silva Oliveira
3º Membro: Me. Luiz Mendonça

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário		
<p>O ALUNO APRESENTOU UM TEMA CUIUS RECORRE E OBJETO INÉDITOS AO CURSO! O HIBRIDISMO CULTURAL ATRAVÉS DO ESTUDO DE FOLK METAL. A BANCA DESTACA O MODO QUE O ALUNO DEMONSTRA EM SEU TEXTO E SUA APRESENTAÇÃO O HIBRIDISMO DA MÚSICA ATRAVÉS DE TIMBRES, ESCOLHAS ESTÉTICAS ETC.</p> <p>DESTACA-SE TAMBÉM QUE O TRABALHO DEMONSTRA EM SI A HIBRIDICIDADE DAS REFLEXÕES DO ALUNO COM O CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL, SUAS DISCIPLINAS E PROFESSORES.</p>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):		
10 (dez)		
ASSINATURAS		
 1º Membro (Presidente)	 2º Membro	 3º Membro

Aos meus pais, Sergio e Glória, e ao meu irmão Lucas, por todo carinho e incentivo que sempre me deram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família e a todos os Professores do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, em especial a João Domingues, Luiz Mendonça, Tetê Mattos, Mario Pragmácio, Flávia Lages, Kyoma Oliveira e Marisa Melo, por toda atenção, apoio e amizade.

RESUMO

O seguinte trabalho monográfico versa sobre o Folk Metal que é um subgênero do seguimento musical chamado Heavy Metal que é híbrido da união do Heavy Metal tradicional com o folclore europeu, onde as bandas predominantemente se baseiam em características do passado dos povos vikings, celtas e germânicos que habitavam a Europa antes e durante a emancipação do Império Romano. Portanto a monografia versa sobre questões de identidade cultural relacionada à identificação dos fãs, por meios digitais, como se dão processos de hibridismo em cultura, também inclinados a questões musicais e características e assuntos históricos, mitológicos e musicais sobre Folk Metal em si.

Palavras-chave: Folk Metal, Heavy Metal, hibridismo cultural, Música, Mitologia.

ABSTRACT

The following work talks about Folk Metal, that is a subgenre of the kind of music called Heavy Metal, that is hybrid by the union of Metal and ancient folklore based in the cultures from the Celtic and Viking tribes that used to live in Europe by the age of the Roman Empire, until the medieval times. So this job is able to talk about cultural identity by the media nowadays, process of hybridism in culture between music, and the process of creation in Folk Metal that also talks about, art, mythology, history and the mix of Metal and the culture of a European past.

Keywords: Folk Metal, Heavy Metal, Cultural Hybridism, Music, History, Mythology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Capa do disco Roots do Sepultura.....	30
Figura 2	Banda In Extremo, com guitarra e gaitas de fole.....	35
Figura 3	Banda Korpiklaani, instrumentos e vestimentas de época.....	38
Figura 4	Navio Viking chamado de Dracar (Drakkar).....	40
Figura 5	Capa do álbum Seventh son of a Seventh son do Iron Maiden.....	44
Figura 6	Banda Amom Amarth com navio no palco.....	45
Figura 7	Combate simulado durante a apresentação da banda Amom Amarth.....	46
Figura 8	Sami Hinkka da banda Ensiferum usando kilt.....	48
Figura 9	Banda Alestorm que segue temática folclórica marítima.....	49
Figura 10	Feira Medieval da UFF nos jardins da Reitoria.....	56
Figura 11	Luthier fabricando instrumento antigo.....	57
Figura 12	Grupo Machados do Pântano encenando combate viking.....	58
Figura 13	Feira de artigos vikings e medievais.....	59
Figura 14	Combate simulado de RPG.....	60
Figura 15	Apresentação da banda Tailten.....	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 IDENTIDADE CULTURAL E SEUS DESDOBRAMENTOS	14
1.1 Identidade: considerações gerais.....	14
1.2 Novos meios de identificação identitária.....	17
2 HIBRIDISMO CULTURAL.....	25
2.1 Folk Metal e as questões de hibridismo.....	25
3 DESVENDANDO O FOLK METAL CANÇÕES E TRADIÇÕES	35
3.1 Características: Folk Metal e música.....	35
3.2 Surgimento do Folk Metal em meio a outras vertentes de Heavy Metal.....	41
3.3 Por que foi efetivo Folk e Heavy Metal? Hipóteses e evidências.....	43
3.4 Folk Metal em meio ao mercado fonográfico.....	46
3.5 Folk Metal e territorialidades.....	49
4 CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS	56

INTRODUÇÃO

A proposta do seguinte trabalho monográfico discorre sobre identidade cultural e apropriação cultural, relacionadas aos processos de criação e produção artística de uma das vertentes do gênero musical, Heavy Metal chamada de Folk Metal ou Viking Metal, que é baseada na cultura dos povos célticos e vikings que habitavam a Europa setentrional, Grand Bretanha, Irlanda e Alemanha antes da invasão do império romano até a era medieval que terão traços destas culturas tratados no presente trabalho em relação as suas conexões e influências em relação ao estilo musical em estudo.

A partir daí se dá o recorte em relação ao Folk Metal, pois as letras das canções são baseadas em literatura de mitologias nórdicas e célticas, as vestimentas dos músicos em videoclipes e inclusive se apresentando ao vivo, também remetem ao passado tribal europeu entre os períodos pré-romanos até medievais, além da incorporação de instrumentos antigos como gaitas de fole, bandolim e violino misturadas com guitarras barítonas¹ ou de sete cordas com uma distorção bem grave, ou seja, “pesadas” aliadas às melodias também baseadas em canções folclóricas antigas do passado europeu.

Em relação aos objetivos o trabalho visa esclarecer como se dá a identificação dos apreciadores de Folk Metal pelas mídias atuais, pois não é divulgado em massa em rádio e televisão como outros gêneros musicais, mas há um bom acervo de músicas, shows e videoclipes na internet acessível de forma rápida e fácil pelos fãs. Pretende-se elucidar o que é hibridismo cultural e suas características sobre elementos culturais que se unem e dão origem a outros, com exemplos de seus desdobramentos em relação à música, que é o caso do Folk Metal. Posteriormente serão dadas as características marcantes do Heavy Metal, do folclore europeu e do Folk Metal em si, sendo identificado como se dá o hibridismo destes elementos e a discussão sobre hipóteses e evidências da efetividade desta mistura em meio à música e mercado fonográfico.

Sobre a metodologia aplicada, foi feito um levantamento bibliográfico que se conecta com os textos de Stuart Hall e Rousiley Maia, sobre questionamentos de

¹ Guitarra com a mesma construção de uma de sete cordas, mas com apenas seis para calibres maiores destas.

identidade cultural em meio às mídias cibernéticas e mundialização da cultura. Em relação à hibridação, foram baseadas nas considerações de Canclini, Rogério Haesbaert e exemplos explicitados como os de Ilana Goldstein. Sobre as características culturais do Folk Metal foi baseada na leitura de artigos científicos de caráter históricos, mitológicos e artísticos relacionados ao passado tribal europeu. Logo a divisão foi feita em três capítulos, com o primeiro que versa sobre identidades, que após serem elucidadas se fala do processo de hibridação no segundo capítulo e o terceiro com considerações a respeito do Folk Metal, além do relatório da observação participativa nos eventos temáticos do estilo musical em discurso (confira anexo) de culturas vikings e medievais afim.

CAPÍTULO 01

IDENTIDADE CULTURAL E SEUS DESDOBRAMENTOS

1.1 Identidade: considerações gerais

Vivemos em um país onde há o mito da união das três raças, negro, Indígena e europeu, logo, com a chegada dos portugueses a partir de 1500 os índios foram massacrados, e os negros foram escravizados até 13 de maio de 1888.

Observa-se que na primeira missa realizada no Brasil já se dá o processo de catequização dos índios, e iniciam-se os primeiros parâmetros de estabelecimento de uma política cultural em nosso país, e início de uma possível globalização após a chegada das caravelas, e com a instituição da religião católica, muito se fala sobre sincretismo religioso e antropofagia cultural na cultura brasileira, pois os negros trouxeram da África suas tradições e inclusive musicalidade, como tambores e atabaques, que até hoje vemos em uma roda de capoeira, não apenas isso, mas sim uma união de elementos de suas tradições africanas com a fé católica que deu origem a religiões genuinamente brasileiras como Candomblé e Umbanda. A cultura indígena também possuía suas tradições e mitologias, lembrando que aqui os índios viviam em tribos e os negros também viviam tribos na África. Então vejamos como se dá o processo de construção da cultura europeia no Brasil.

No início da colonização, portanto, era a fé católica, e músicas e literaturas eruditas devido à presença da corte portuguesa em nosso país. Logo a união de variados elementos culturais, deu origem, entre outras manifestações, ao Carnaval, que foi se modificando através do tempo, perdendo um pouco das características tradicionais europeias até se tornar, a grande festa que nós conhecemos hoje (lembrando que o carnaval não é exclusivo do Brasil, hoje há em várias partes do mundo).

Os elementos culturais europeus nórdicos, célticos e medievais não fizeram diretamente parte deste arcabouço. O país foi colonizado no período posterior à

Idade Média e Portugal não carregou para as colônias de forma objetiva estas influências.

O Brasil só se vê como produtor efetivo de cultura após 1922. Na semana de arte moderna ocorrida neste ano, pois houve um processo chamado de antropofagia cultural, que era a inclusão de personagens tipicamente brasileiros nas literaturas, pinturas que retratavam os perfis agrícolas dos trabalhadores rurais, poesias que retratavam o cotidiano do povo, misturando a arte vinda da Europa com elementos da cultura nacional.

No entanto as etnias brancas também tiveram o período de formação de suas culturas internas. É no período tribal anterior a Cristo na Europa que eram chamados de povos, ou tribos célticas e germânicas, que possuíam tradições e mitologias, que foram caçadas pelo Império Romano, e depois de sua queda, ocorreu o desenvolvimento (continuidade) destas culturas tradicionais na idade média.

Os imigrantes não apenas os portugueses, mas todos os povos de fora do continente americano, de forma geral também trouxeram suas tradições para o Brasil, por exemplo, existem diversas festas e tradições espalhadas pelo país, incluindo danças típicas culinárias e saberes como cultivo de plantas, flores e frutas. Há a Festa da Uva em Caxias do Sul, Oktoberfest no sul do país, há o cultivo de flores em Holambra, cidade que recebia imigrantes da Holanda, centenas de tradições italianas em São Paulo, logo inúmeras cantinas e pizzarias espalhadas pela cidade além da formação de um time de futebol chamado Palestra Itália, que devido à segunda guerra mundial teve que se chamar Palmeiras. E a cultura Nordestina? O que seria da musica nordestina sem a introdução da sanfona? Além do Bairro da liberdade na cidade de São Paulo, que é um grande polo da cultura e imigração nipônica no nosso país.

No Brasil há uma diversidade cultural imensa, certo? No nosso país há mestiçagem entre negros, brancos e Índios. Certo? E também há negros, brancos e Índios, certo? Ainda há racismo? Sim. Infelizmente. Existem as culturas indígenas, afro-brasileiras, e europeias? Sim. Logo podemos observar que o lado europeu da formação da identidade cultural brasileira não é exclusivamente formada por traços culturais exclusivamente lusitanos.

A vinda de imigrantes europeus teve origem de vários países diferentes deste continente, e de várias culturas e etnias diferentes, por exemplo: os Italianos, são

Itálicos, alemães e holandeses são germânicos e saxões, as colônias russas e polonesas são eslavas, a colônia finlandesa de Penedo é escandinava.

Mas não estamos aqui tratando de conceitos de raça, já superados. Em seguida Renan fala sobre miscigenação étnica inclusive na Europa:

Mas mesmo quando o conceito de “raça” é usado dessa forma discursiva mais ampla, as nações modernas teimosamente se recusam a ser determinadas por elas. Como observou Renan, “as nações líderes da Europa são nações de sangue essencialmente misto: a França é [ao mesmo tempo] céltica, ibérica e germânica. A Alemanha é germânica, céltica e eslava. A Itália é o país onde... Gauleses, estruscos, pelagianos e gregos, para não mencionar outros, se intersectam numa mistura indecifrável. As ilhas britânicas, consideradas como um todo, apresentam uma mistura de sangue celta e germânico, cujas proporções são particularmente difíceis de definir” (1990,p.14-15). E essas são “misturas” relativamente simples, se comparadas com as encontradas na Europa Central e Oriental. (RENAN apud HALL , 2015, p. 37-38)

De acordo com o senso comum “sangue”, descendência, espiritualidade, também influencia a afinidade cultural com outro país? A ciência não pode responder por ética, a não ser que se faça um estudo para sabermos se sentimento pátrio é “genético”, mas aí está à questão, sentimentos. Sentimentos como amor, amizade, afinidade e respeito.

Não podemos por ética extrair conclusões científicas através de crenças e pensamentos religiosos, relacionados à antepassados de um indivíduo e que talvez adquira características de seus ancestrais por meios espirituais e religiosos. Logo vejamos um exemplo de Kroeber em relação a este assunto:

Tomemos um bebê francês, nascido na França, de pais franceses, descendentes estes, através de numerosas gerações, de ancestrais que falavam francês. Confiemos a esse bebê, imediatamente depois de nascer, a uma pajem muda, com instruções para que não permita que ninguém fale com a criança ou mesmo veja durante a viagem que a levará pelo caminho mais direto ao interior da China. Lá chegando, entrega o bebê a um casal de chineses, que o adotaram legalmente, e o criam como seu próprio filho. Suponhamos agora que se passem três, dez ou trinta anos. Será necessário debater sobre que língua falará o jovem ou o adulto francês? Nem uma só palavra de francês, mas o puro chinês, sem um vestígio de sotaque, e com a fluência chinesa, e nada mais. (KROEBER apud LARAIA, 2009, p. 43-44)

Em seguida Laraia comenta a fala de Kroeber em relação à ideia de senso comum dita anteriormente, sobre questões de transmissão de características culturais para gerações posteriores:

Este é talvez o ponto em que a noção de cultura mais contraria o pensamento leigo. É comum, entre os diferentes setores da população, a crença, nas qualidades (positivas ou negativas) adquiridas graças à transmissão genética. “Tenho a física no sangue”- dizia uma aluna que pretendia mudar a sua opção de ciências sociais para a de física, invocando o nome de um ancestral. “Meu filho tem muito jeito para a música, pois herdou esta qualidade do seu avô.” É este um outro exemplo comum. (LARAIA, 2009, p.44)

A seguir, o mesmo autor conclui o raciocínio explicando sobre posições de contribuições coletivas no processo de construção de traços e características culturais através do tempo:

O homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite inovações. Estas não são, pois o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de uma comunidade. (LARAIA, 2009, p. 44)

1.2 Novos meios de identificação identitária

Hoje há internet de alta velocidade, televisão, jornais revistas, sites e mais sites relacionados a culturas e cursos de idiomas, de diversas línguas. Há o fenômeno chamado globalização, que em relação à cultura há uma massificação da cultura industrial europeia e norte-americanas, mas, daí os adventos tecnológicos, nos dão a oportunidade de pesquisarmos e entrar em contato com o tipo de cultura a qual temos interesse.

Esta multiplicidade que se tem hoje faz com que, segundo Hall, a identidade unificada seja uma fantasia. Mesmo por que:

Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas- ao menos temporariamente. (HALL, op. Cit., p. 12)

No entanto devido ao contato com cultura internacional fornecida por novas ferramentas de comunicação no século atual, também ocorre o processo de aproximação cultural com traços e elementos de outros países, os quais nos simpatizamos, mesmo sem ter nascido lá. Podemos aprender outros idiomas, decorar o hino do país o qual se identifica, mas sem perder traços e elementos de sua cultura natal. Nos Estados Unidos há algo semelhante, pois há americanos descendentes de escoceses e irlandeses, que são apaixonados pelas culturas destes países e não seguem a risca a cultura pop industrial da América do Norte, como os membros das bandas Dropkick Murphys e Flogging Molly. Em seguida vejamos as considerações de Hall e Scruton sobre questões de sentimento pátrio.

No mundo moderno, as culturas nacionais que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, op. Cit., p. 29)

A partir daí percebemos que podemos nos identificar com culturas globais, Roger Scruton explica que temos a necessidade de pertencimento a algum âmbito ou identidade cultural:

A condição de [sic] exige que o indivíduo, embora exista e haja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar

a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece como seu lar. (SCRUTON apud HALL , 2015, p.29)

Hall introduz também as palavras de Ernest Gellner sobre a importância de um indivíduo ter a necessidade de um sentimento pátrio, pois isto implica nas questões de identificação cultural:

Ernest Gellner, a partir de uma posição mais liberal, também acredita que sem um sentimento de identificação nacional do sujeito moderno experimenta um profundo sentimento de perda subjetiva:

A ideia de um homem [sic] sem uma nação parece impor uma (grande) tensão à imaginação moderna. Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas. Tudo isso parece óbvio, embora, sinto, não seja verdade. Mas que isso viesse a parecer tão obviamente verdadeiro é, de fato, um aspecto, talvez central, do problema do nacionalismo. Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, aparece, agora como tal... (GELLNER apud HALL , 2015, p. 29-30)

Nos dias atuais há uma maior possibilidade de contato cultural sem sair de seu próprio país, consomem-se músicas, livros, filmes, documentários sites e mais sites, milhões de vídeos no Youtube, além de cursos de idiomas.

Levando em consideração que a personalidade humana possui várias facetas, assim como nossas impressões digitais, não podemos generalizar gostos e preferências, mas com o advento das novas tecnologias que nos põe em contato com o mundo, gostar, se aproximar e entrar em contato de formas mais amplas através dos meios digitais com culturas além das fronteiras é uma ampliação de possibilidade de contato cultural, pois com isso faz com que uma pessoa possa ser “portadora” de identidades culturais diferentes, sem nunca ter viajado para outro país. Observe na fala de Rousiley Maia a questão da identificação e identidade:

A "identidade" e a "identificação", sempre relacionadas ao pertencimento ao grupo, é multifacetada. Por exemplo, o grupo 'mulher' é perpassado por categorias de classe, religião, idade, etnia, etc. O grupo 'evangélicos' é diferenciado por gênero, nacionalidade, etc. Não podemos certamente definir grupos em termos de atributos essenciais que todos os membros compartilham. Os próprios indivíduos desafiam qualquer noção fixa de

identidade, de modos variados e, muitas vezes, surpreendentes. Cada identidade pessoal é produto da maneira pela qual um determinado indivíduo lida com suas posições sociais que se interseccionam. (MAIA, [---], p. 51)

Se considerarmos brasileiros que tem alguma descendência europeia podemos a partir do pressuposto de que não tenham exclusivamente descendência lusitana apesar de falar português além, muitas vezes, de ter sobrenome luso. Independente da etnia que indivíduos se reconhecem, há aqueles que se identificam com cultura que não são restritas por fronteiras de países. Percebemos, então, hoje mais que nunca, que o contato com cultura estrangeira sem sair de casa, através das novas tecnologias propiciam diferentes rumos para a identidade cultural brasileira e mundial.

As culturas célticas, nórdicas e medievais não constam como traços marcantes na cultura brasileira, mas a partir da segunda década dos anos 2000 há um contato mais próximo e mais amplo não apenas com estas, mas centenas de culturas ao redor do globo. Salienta-se, no entanto, que a construção de identidades não se dá somente por meios digitais, mas através de todo um arcabouço cultural, vigente nas sociedades atuais. Daí Rousiley Maia esclarece o assunto:

O desenvolvimento dos meios de comunicação e das novas tecnologias pode ser visto como uma das forças mais significativas por trás da pluralização da sociedade contemporânea, motivando, em particular, a construção de identidades. E preciso, contudo, se evitar o reducionismo de tomar as transformações da construção cultural da identidade como fator derivado apenas da influência da mídia ou do uso dos meios de comunicação. (MAIA, [---], p. 48)

Após discutirmos questões culturais e identitárias vamos relacioná-los ao “Rock Pesado”.

No Brasil o Heavy Metal teve entrada com mais ênfase antes do Folk Metal – objeto da pesquisa, nas décadas de 90 e início dos anos 2000, onde um dos únicos meios de divulgação em grandes mídias do Metal em nosso país eram alguns videoclipes esporádicos na MTV, e raras execuções de Metal nas rádios. Depois com a consolidação da internet banda larga, Youtube, Itunes e aplicativos de

streaming² o contato com o Heavy Metal e o Folk Metal se consolidaram através da internet, além da divulgação de shows e eventos temáticos a partir destas ferramentas também. A seguir veremos as considerações sobre questões midiáticas estas no discurso de Rousiley Maia:

Não há dúvida de que a mídia colabora de modo central na constituição e dinâmica de diversas identidades contemporâneas. Como bem sabemos, as pessoas podem, através dos meios de comunicação, observar o 'outro' e aprender sobre mundos espaço-temporalmente distantes, mantendo um contato vicário com quadros culturais múltiplos e distintos modos de ser. (MAIA, [----], p. 48)

Portanto hoje há uma identidade cultural que se identifica (pela internet) com: Folk Metal, músicas antigas (folk europeu), eventos temáticos medievais e Vikings (confira anexo), filmografia e literatura de uma parte da cultura folclórica europeia. Ex.: Rei Arthur, Vikings, mitologia nórdica, Thor e Odin. Formando uma espécie de “tribo” de apreciadores destas culturas, logo Maia com as palavras de Bauman esclarece este conceito:

Por outro lado, certas correntes do pensamento pós-moderno tendem a enfatizar uma volatilidade crescente na constituição das identidades contemporâneas, como se fossem pastiches ou colagens. Alguns autores duvidam da existência de qualquer projeto coerente de identidade e outros defendem que a busca contemporânea para abrigo das incertezas e a insegurança ontológica levaram à formação de 'neo-tribalismos', sendo que as tribos são formadas sobretudo por imagens agregadoras, e não por corpos sociais integrados por uma diversidade de atos individuais de auto-identificação (Bauman, 1990). (BAUMAN apud MAIA p. 50)

Logo existem centenas de nichos de ofertas culturais vastas espalhadas pela web, mas as pessoas escolhem aqueles os quais possuem mais apressado como diz Rousiley Maia:

² Músicas tocadas a partir de um aplicativo ou site via internet.

As ênfases nos laços sociais frágeis podem dar a impressão de que, simplesmente, escolhemos nossas identidades como se fôssemos apenas consumidores em um shopping center da cultura. A farta oferta de estilos de vida nos imbuiria, supostamente, de identidades flexíveis, facilmente remodeláveis. (MAIA, [----], p. 50)

O objeto em estudo é o Folk Metal, que tem sua identidade focada em elementos e traços de uma cultura antiga da Europa que hoje é exposta e encontrada através dos meios eletrônicos por fãs e entusiastas não apenas do Folk Metal, mas de derivados destas culturas através da Internet e redes sociais que implicam em questões de encurtamento das fronteiras e da noção espaço tempo, como a partitura de uma música escrita á séculos que é executada e gravada hoje e exposta nestes meios assim como, lendas e mitos antigos publicados nestes, que também servem de inspiração para a composição das letras e da estética de produção de shows e videoclipes, além da gravação e produção de séries e filmes de época (céltico/viking) também. A seguir podemos ver nas palavras de Robins como se dá o início deste processo de contato com culturas distantes pelos meios eletrônicos:

O que está sendo criado é um novo espaço cultural eletrônico, uma geografia “sem lugar” da imagem e da simulação. ...Essa nova arena global é um mundo de comunicação instantânea e superficial em que os horizontes de espaço-tempo foram comprimidos e desmoronam... A globalização é a compressão dos horizontes espaço-tempo e a criação de um mundo de instantaneidade e superficialidade. O espaço global é um espaço de fluxos, um espaço eletrônico, um espaço descentrado, um espaço no qual fronteiras e limites tornaram-se permeáveis. Neste cenário global, o econômico e o cultural estão em contato intenso e imediato um com o outro – com cada “outro” (um “outro” que não está mais simplesmente “lá fora”, mas também no interior). (Robins, 1991, p.28-36) (ROBINS apud HALL , 2015, p. 43).

Podemos também observar que existem grupos de fãs que apreciam além do Folk Metal, esferas culturais relacionadas ao estilo musical em estudo exposta em livros, filmes e séries que versam sobre culturas do passado além de grupos de música Folk tradicionais que não são Heavy Metal, que se inter-relacionam, com uma cultura antiga, que também tem traços culturais europeus como seus primórdios

e origens pesquisados, para a formulação de uma oferta cultural midiática, hoje difundida por meios eletrônicos.

Como isso acontece? Tomemos os exemplos das festas temáticas, onde os fãs de Folk Metal que ouvem as músicas e assistem videoclipes pela internet, vão às festas temáticas em casas de shows e eventos, alugadas por produtores culturais, e os divulgam nas redes sociais (confira anexo). Logo, fãs e entusiastas de música se encontram para ouvirem Folk Metal, (tocado por DJ's) dançarem, beberem, cantarem e se divertirem, às vezes dependendo do evento, ao som de uma banda de Folk Metal se apresentando ao vivo, ou de grupos não de Metal, mas de Folk tradicional somente, como na festa Folk You realizada em 10/05/2014 no Teatro Odisseia na Lapa que contou com o grupo Café Irlanda de música tradicional irlandesa, e dos músicos Scott Fraga (gaita de fole), Arthur Kauffmann (percussão) e onde na mesma casa em outra data 01/06/2014, abrigou os shows das bandas Korpiklaani da Finlândia e Tyr das Ilhas Faroé³, que também são grandes expoentes do Folk Metal no mundo.

Na sociedade atual também há um fenômeno chamado de Multiculturalismo, que são diversos tipos de manifestações culturais que acontecem dentro de uma mesma sociedade, que, por exemplo, no bairro da Lapa no Rio de Janeiro onde ocorreu a festa Folk You de temática Folk Metal ocorreu ao lado no mesmo dia no Circo Voador o show do grupo Nação Zumbi. Obviamente manifestações culturais distintas no mesmo bairro, na mesma sociedade. Logo entende-se que multiculturalismo nas palavras de Boaventura Souza Santos é:

A expressão Multiculturalismo designa, originalmente, a coexistência de formas culturais diferentes no seio de sociedades "modernas". Rapidamente, contudo, o termo se tornou um modo de descrever as diferentes noções de multiculturalismo, nem todas de sentido emancipatório. O termo apresenta as mesmas dificuldades e os mesmos potenciais do conceito de "cultura", um conceito central das humanidades e das ciências sociais e que, nas últimas décadas, se tornou um terreno explícito de lutas políticas. (SANTOS, 2003, P.26)

³ Ilha entre Escócia e Islândia que pertence à Dinamarca.

Agora tomemos com um pequeno resumo do que foi discutido, nas palavras de Rousiley Maia sobre as relações sociais no contexto cultural atual que também podem ser “cibernéticas”:

As relações sociais não mais se encontram restritas às interações locais. Através dos meios de comunicação, os indivíduos podem ter acesso a "outros distantes" - lugares, valores, estilos de vida, modos de ação - e adquirir, assim, algum distanciamento dos conteúdos simbólicos das interações do face a face e das formas de autoridade que prevalecem nos ambientes da vida diária. (MAIA, [----], p. 53)

Este capítulo tratou de esclarecer as relações culturais entre os apreciadores de Folk Metal, sobre como ocorrem processos culturais identitários, como ocorrem os processos de identificação através das novas mídias e redes sociais, não apenas no contexto musical, mas de todo um arcabouço cultural divulgado por estas, como filmes, séries, livros de mitologia e ficção, baseados no folclore europeu.

O Heavy Metal possui centenas de subgêneros cada qual com suas respectivas marcas e características, mas porque o Folk Metal foi escolhido para ser debatido? Pois é um elemento cultural híbrido, que surgiu da união de elementos culturais diferentes dando origem a um elemento cultural novo, a seguir veremos como se dão os fenômenos de hibridação em cultura, e tentaremos compreender e debater como surgiu e como se deu tão certo esse “*mix*” do Metal com “cultura antiga”. Podemos ressaltar que não apenas o Folk Metal, mas outros variados estilos musicais são híbridos e surgem de hibridações culturais também.

CAPÍTULO 02

HIBRIDISMO CULTURAL

2.1 Folk Metal e as questões de hibridismo

O Folk Metal, objeto em estudo é um subgênero do Heavy Metal, que tem a característica de ser um estilo musical híbrido, que se formou com a mistura do Metal com a música Folk, ou seja, com o folclore europeu, tanto quanto na musicalidade, como na escrita das letras, até a estética de palco e videoclipes das bandas proponentes deste estilo.

Portanto vamos discutir e compreender o que é hibridismo cultural, que é um fenômeno cultural que não é restrito ao Heavy Metal apenas, mas está dentre centenas de tipos de manifestações culturais e artísticas ao redor do globo.

Vejamos que o conceito de híbrido veio das ciências biológicas que determina que um animal seja fruto de cruzamento entre espécies diferentes, nem sempre dando origem a uma nova espécie, pois alguns animais híbridos são estéreis, não se reproduzem, mas possuem no mesmo ser as características das duas espécies.

Podemos dizer assim que na cultura há a união de elementos culturais diferentes dando origem a um elemento cultural “novo” com características de ambos, daí se dá um elemento cultural híbrido daí Canclini expõe a seguinte opinião:

Parto de uma primeira definição: entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. (CANCLINI, 2015, P.XIX)

Vivemos em um mundo onde há o fenômeno da globalização, e dentre estudiosos e autores, a hibridação cultural também pode ser compreendida das seguintes formas, como ocorre em grandes metrópoles, onde culturas regionais se fundem com a cultura trazida pelos imigrantes que habitam tal região, e também de regiões de fronteiras tendo como exemplo a de Estados Unidos e México, em que se fala o dialeto “spanglish”, mistura do idioma inglês com o espanhol. E também ocorre

o fato de culturas globais e industriais também influenciarem culturas regionais. Também vistos na fala de Canclini relacionando estes processos em grandes cidades:

As megalópoles multilíngues e multiculturais, por exemplo, Londres, Berlim, Nova York, Los Angeles, Buenos Aires, São Paulo, México, e Hong Kong, são estudadas como centros em que a hibridação fomenta maiores conflitos e maior criatividade cultural.
(APPADURAI; HANNERZ apud CANCLINI, 2015, p. XXX)

O hibridismo entre culturas é algo que existe a bastante tempo, portanto veremos como este processo se dava inclusive no passado, pois no Brasil colonial, havia algo chamado de sincretismo religioso, que era a mistura de santos católicos com entidades de religiões provenientes da África, de onde vieram os negros, dando origem ao Candomblé e a Umbanda.

Também na semana de arte moderna da década de 20 aqui no país houve uma corrente de pensamento, entre os membros intelectuais da elite brasileira na época chamado de Antropofagia Cultural, com o também lançado Manifesto Antropofágico do escritor Oswald de Andrade, que falava de forma mais subjetiva como era a mistura da arte erudita da Europa, como músicas orquestradas, poesias e pinturas, usadas para comunicar e descrever o povo brasileiro, e suas características culturais locais também. Dando origem a elementos culturais com partes da cultura europeia, como o modo de fazer arte com características brasileiras, com o intuito de comunicar uma cultura nacional que começava a se constituir naquela época, com manifestações “híbridas” de vários artistas brasileiros como Tarsila do Amaral entre outros. Para nos situarmos melhor podemos observar no discurso Maltz sobre o sentimento vivido entre os artistas da época na fala de Rogério Haesbaert:

Destruir para construir em cima. Deglutir para, de posse do instrumental do “inimigo”, poder combatê-lo e superá-lo. Deglutir o velho saber, transformando-o em matéria-prima do novo. [...] a contrapartida dessa atitude de inércia ideológica e cultural, de brutal assimilação que legitimava

a influência estrangeira, seria a atitude antropofágica de “deglutir” o saber europeu, “devorando-o” não mais para incorporá-lo de modo mecânico mas para absorvê-lo dialeticamente na tentativa de abasileirar a nossa cultura, dando-lhe uma identidade. [...] dessacralizar a herança cultural do colonizador para inaugurar uma nova tradição. (1993, p.11)
(MALTZ apud HAESBAERT , 2012, p.33)

Outro exemplo interessante do passado relacionado ao hibridismo é o da arte aborígine australiana, ocorrida em 1936 quando o nativo Albert Namatjira se ofereceu para ser guia do aquarelista Rex Batterbee durante uma missão religiosa luterana pelo interior da Austrália, que em troca de seu serviço recebeu aulas de pintura do artista branco Batterbee nascido em Warrnambool sul da Austrália, e em seguida Namatjir passou a pintar em aquarela elementos tribais como visto no texto de Ilana Seltzer Goldstein que também conta que este hibridismo não ficou parado nas mãos dos nativos, mas prevaleceu através do tempo e também se tornou principal fonte de renda dos aborígenes, como conta a autora citando French:

Namatjira ensinou seus filhos e sobrinhos a pintar – e a assinar como ele. Assim nasceu, nos anos de 1940, uma vigorosa escola de aquarela aborígine, estilisticamente bastante coesa e conhecida como Hermannsburg School – nome da missão que se estabeleceu entre os grupos da etnia Aranda (French, 2002). (FRENCH apud GOLDSTEIN , 2012, p. 82)

Pudemos observar que o pequeno gesto de solidariedade de Batterbee deu origem a um estilo de arte híbrido, consolidado nos tempos atuais, pois também continua evoluindo desde a década de 30 até os dias de hoje como pesquisado por Goldstein:

As dimensões e a diversidade do chamado Australian Indigenous art system impressionam. Estima-se que existam, hoje, cerca de 7 mil artistas indígenas na Austrália, muitos dos quais participam regularmente do circuito de museus e bienais e têm seus trabalhos comercializados por casas de leilões e galerias comerciais. (GOLDSTEIN, 2012, P.81)

Também houve desdobramentos desta arte que influenciaram artistas da América do Sul inclusive, como conta a autora:

Para minha surpresa, encontrei no sul do Brasil uma artista que se inspira na visualidade dos aborígenes da Austrália Corali Cardoso [1949], autodidata que assina suas telas como Cora, é gaúcha de Porto Alegre. Em seu website, afirma que, em 2002, sentiu, repentinamente, “um grande impulso para pintar”, especialmente tocada pela arte aborígene australiana. Em 2002, esteve na Pinacoteca do Estado de São Paulo visitando a exposição *The Native Born* e tomou parte em uma oficina promovida pelo setor educativo do museu, com a participação do curador aborígene Djon Mundine. (GOLDSTEIN, 2012, P.94-95)

Observamos questões de hibridismo cultural em uma “esfera do passado” com conceitos também repetidos por muitos autores que discutem o assunto. A seguir vamos discutir como ocorrem processos de hibridação nos tempos atuais que com o advento das novas tecnologias comunicacionais e expansão midiática, que nos põem em contato culturas que digam-se, “distantes”, mas “próximas” uma das outras, como um “catalizador” de processos de hibridismo cultural. Portanto Canclini que escreveu suas considerações a respeito destes assuntos ainda no tempo das fitas VHS, e explicita sua opinião a cerca de hibridismo com perspectivas para o futuro também fazendo um comparativo com elementos do passado citados anteriormente:

Estes termos - mestiçagem, sincretismo, crioulização – continuam a ser utilizados em boa parte da bibliografia antropológica e etno-histórica para especificar formas particulares de hibridação mais ou menos clássicas. Mas, como designar as fusões entre culturas de bairro e midiáticas, entre estilos de consumo de gerações diferentes, entre músicas locais e transnacionais, que ocorrem nas fronteiras e nas grandes cidades (não somente ali)? A palavra hibridação aparece mais dúctil para nomear não só combinações de elementos étnicos ou religiosos, mas também a de produtos das tecnologias avançadas e processos sociais modernos ou pós-modernos. (CANCLINI, 2015, P.XXIX)

Voltando para a primeira década dos anos 2000, muito se evoluiu em termos de tecnologias, com aumento da velocidade da internet a invenção e aprimoramento contínuos não só de computadores, mas de tablets e smartphones. O que isto tem a

ver com hibridismo cultural? Pois são ferramentas comunicacionais em geral que encurtam distâncias abrindo um leque extremamente vasto de ofertas culturais através da internet que abrem mais chances para se “encontrarem” e “hibridar-se” como exemplificado por Canclini:

A hibridação, de certo modo, tornou-se mais fácil e multiplicou-se quando não depende dos tempos longos, da paciência artesanal ou erudita e, sim, da habilidade para gerar hipertextos e rápidas edições audiovisuais ou eletrônicas. Conhecer as inovações de diferentes países e a possibilidade de misturá-las requeria, há dez anos, viagens frequentes, assinaturas de revistas estrangeiras e pagar avultadas contas telefônicas; agora se trata de renovar periodicamente o equipamento de computador e ter um bom servidor de Internet. (CANCLINI, 2015, P.XXXVI)

Falaremos agora sobre processos de hibridismo na música que é um dos pontos principais do trabalho monográfico, fazendo uma ponte relacionada com as origens do Rock e Heavy Metal. O Rock que se consolidou na década de 60 veio do Blues, que teve sua origem nos cânticos de lamentação dos escravos afro-americanos no sul dos Estados Unidos, que ao ser tocado com guitarras semiacústicas e com escalas pentatônicas, deu origem ao famoso *Blues* tocado por Muddy Waters e BB. King, mas posteriormente o guitarrista, cantor e compositor Chuck Berry, misturou o *Blues* com a música *Country* que teve origem nas músicas irlandesas trazidas por estes imigrantes, e compôs sucessos do Rock como *Maybellene*, *Johnny B. Goode* e *Roll Over Beethoven*, tendo o próprio rock como um estilo musical híbrido.

Para ilustrar melhor este tipo de pensamento sobre hibridismo na música podemos também identificar na fala de Canclini suas considerações a respeito deste assunto:

A multiplicação espetacular de hibridações durante o século XX não facilita precisar de que se trata. É possível colocar sob um só termo fatos tão variados quanto os casamentos mestiços, a combinação de ancestrais africanos, figuras indígenas e santos católicos na umbanda brasileira, as collages publicitárias de monumentos históricos bebidas e carros esportivos? Algo frequente como a fusão de melodias étnicas com música clássica e contemporânea ou com jazz e a salsa pode ocorrer em fenômenos tão diversos como a chicha, mistura de ritmos andinos e caribenhos; a reinterpretação jazzística de Mozart, realizada pelo grupo afro-cubano Irakere; as reelaborações de melodias inglesas e hindus efetuada pelos Beatles, Peter Gabriel e outros músicos. (CANCLINI, 2015, P.XX)

Então vamos agora falar sobre questões de experimentações híbridas relacionadas ao Hard Rock e Metal respectivamente, como o grupo *Aerosmith*, que em 1986 compôs uma música com o grupo de Hip Hop *Run DMC* chamada *Walk This Way*, intercalando acordes de guitarra com as rimas de Rap. Na década de 90 a banda brasileira Sepultura começou a fazer experimentos misturando percussão de música brasileira com Metal no disco *Chaos A.D.*, e foi no álbum posterior chamado *Roots* que a banda fez um trabalho de mistura de percussão afro-brasileira, cânticos de capoeira, músicas experimentais gravadas com a tribo de índios Xavantes além da participação do músico Carlinhos Brown na composição e gravação da música *Ratamahatta*. Muito se foi discutido sobre este disco entre pensadores da música, como a arte de sua capa, também com o desenho de um índio envolto a raízes de arvores vermelhas ou sangrando como na letra da canção de abertura *Roots Bloody*

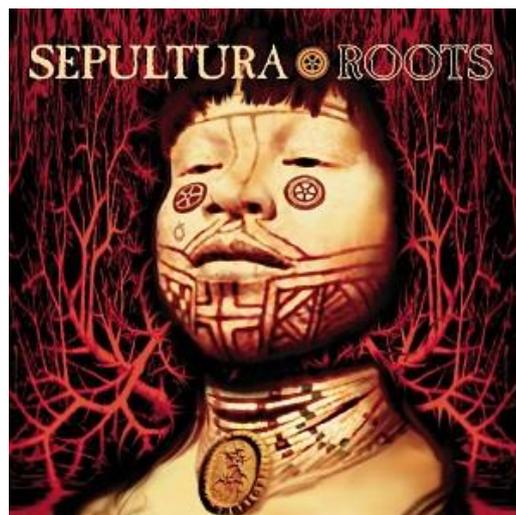


Figura 1 Capa do disco Roots do Sepultura

Roots, mas, além disso tudo a característica mais marcante de quase todas as músicas do disco foi a afinação “baixa”, ou seja uma guitarra e violões como de costume são afinados na tonalidade Mi, mas as guitarras de Andreas Kisser e Max Cavalera estavam afinadas em Si, dois tons e meio abaixo do convencional, tornando o timbre do instrumento extremamente grave.

Vejamos, este tipo de afinação foi utilizada no disco *Roots* que fez sucesso em escala mundial, tendo influenciando várias bandas no mundo, portanto bandas de Folk Metal também usam do recurso de afinação baixa no contrabaixo e

guitarras, mesclando com instrumentos antigos, como os mesmos usados nos grupos de Folk europeu.

Na mesma época no Brasil a banda Raimundos também utilizando do recurso da afinação “baixa”, compôs sua obra misturando Metal e Hard Core com forró, usando até um triangulo nas gravações de algumas musicas dando origem ao “Forró Core”.

A banda Nação Zumbi liderada por Chico Science, também usando do mesmo recurso de afinação misturou tambores de maracatu, cânticos de forró e levadas de funk com Rock “pesado”, dando origem ao Mangubeat que era considerado um movimento cultural também.

A partir das considerações ditas anteriormente o hibridismo cultural já existia mesmo antes dos aparatos tecnológicos existentes hoje, e no caso citado sobre Sepultura e Raimundos, era na época dos CD’s e fitas K7, e ambos os grupos como a Nação Zumbi, também tinham seus trabalhos divulgados no canal MTV Brasil.

Questões sobre os avanços tecnológicos na atualidade, relacionados à identificação e identidade já foram tratados no capítulo e páginas anteriores, mas devido a esses meios, também facilita e agilizam-se processos de hibridismo na música, devido à versatilidade de acesso e consumo da mesma a qual trataremos mais adiante; e o autor argentino também faz sua consideração sobre isto relacionando “rock” com o “folclore”:

Os meios de comunicação eletrônica, que pareciam destinados a substituir a arte culta e o folclore, agora os difundem maciçamente. O rock e a música “erudita” se renovam, mesmo nas metrópoles, com melodias populares asiáticas e afro-americanas.
(CANCLINI, 2015, P. 18)

Em relação aos processos de construção cultural híbrida do Folk Metal que serão discutidos no próximo capítulo, serão abordados aspectos positivos relacionados a mesclas de músicas e tradições dando origem a um estilo musical, diga-se de sucesso, sendo divulgado pelas mídias cibernéticas na atualidade com um bom acervo de músicas, shows e videoclipes nestas com fácil e rápido acesso.

Mas para outros autores as noções de hibridismo não são completamente positivas, pois há teóricos que dizem que a cultura global de massa pode “engolir”

culturas locais e regionais como exemplo de descendentes indígenas que possuem a dúvida, de entre viver sua cultura de raiz ou se devem trabalhar, viver e consumir como a população não indígena. Ou “habitar” estes dois mundos. Pois parte de um conceito de padronização do consumo explicitado por Featherstone, no discurso de Leila Lima de Sousa:

O alcance com que essas imagens e artefatos são exportados para o mundo inteiro tem sido visto por alguns como um indicador da homogeneização global da cultura, na qual a tradição dá lugar à cultura americana do consumo de massa.
(FEATHERSTONE apud SOUSA , 2012, p. 8)

Também no caso do sincretismo religioso no Brasil, há a hipótese de que foi um processo de imposição da cultura do colonizador sobre as tradições africanas, que por “estratégia” de sobrevivência houve a assimilação das duas culturas, não por uma hibridação pacífica, mas sim como um choque cultural explicado por Bhabha na fala de Leila Lima de Souza:

Homi Bhabha (2010) propõe que o hibridismo não resolve o embate e o processo de tensão entre duas culturas, não é um novo elemento que surge da junção entre duas matrizes culturais distintas, conforme vemos em Canclini (2011). O hibridismo seria sob esse viés, um processo resultante do choque, do embate, não se trata de um simples processo de adaptação e ressignificação cultural.
(SOUZA, 2012, P.5)

Em relação a processos de globalização relacionados ao hibridismo entre culturas, Stuart Hall também comenta a divergência de opiniões de pensadores e críticos em relação a este assunto:

Algumas pessoas argumentam que o “hibridismo” e o sincretismo – a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado. Outras entretanto, argumentam que o hibridismo, com a indeterminação, a “dupla consciência” e o relativismo que implica, também tem seus custos perigosos. (HALL, 2015, P. 53)

No mundo atual também existe uma oferta cultural vasta que também pode trazer “crises de identidade” para o indivíduo, que podemos observar na fala de Gómez Peña no livro de Canclini:

Quando perguntam por minha nacionalidade ou identidade étnica, não consigo responder com uma só palavra, pois minha “identidade” já possui repertórios múltiplos: sou mexicano, mas também sou chicano e latino-americano. Na fronteira me chamam de “chilango” ou de “mexiquillo”; na capital de “pocho” ou de “norteño”, e, na Europa de “sudaca”. Os anglosaxões me chamam de “hispanic” ou de “latinou” e os alemães me confundiram em mais de uma ocasião com turco ou italiano. (CANCLINI, 2009, P.324)

Pudemos compreender que na atualidade, também devido ao encurtamento de fronteiras, globalização e uma vasta oferta artística cultural através de meios eletrônicos, proporcionando formações de novas identidades e elementos culturais híbridos, é um processo não particular da música, mas de várias manifestações culturais ao redor do globo, como explicado por Lise Brossard na fala de Daniela Kern:

No que diz respeito à dimensão estética do conceito de hibridismo, podemos constatar que nas artes ele se constitui como um modo de fazer que pode reunir, tanto gêneros diferentes das artes visuais (pintura, escultura, etc.) quanto campos artísticos diversos (música, cinema, etc.), conforme deixa claro Lise Brossard, ao analisar a obra de Nam June Paik: “Um novo tipo de objetos híbridos entre escultura e pintura cinéctoeletrônicas aparecem e crescem [sic] ao abrigo de uma tripla paixão técnica, plástica e musical”. (BROSSARD, 2002, p. 155). (BROSSARD apud KERN , 2004, p. 57)

Sobre o hibridismo entre culturas também há o fenômeno de quando a cultura global influencia a local, e a local influencia a global, porém veremos adiante, a hipótese de que esta “troca” tenha dado origem ao Folk Metal. E vamos discutir o porquê da mistura do Folk com o Metal, deu tão certo com o Heavy Metal, que é conhecido globalmente, logo o Folk Metal une elementos do Folk europeu, “local” e mistura com o metal que é “global”. Logo há a troca do local influenciando o global, e do global influenciando o local, um processo explicado a seguir:

Mas, se o global envolve “tudo”, as especificidades encontram-se perdidas em termos de totalidade, aponta Ortiz (1994), para depois esclarecer que ocorre justamente o inverso: “a mundialização da cultura se revela através do cotidiano”, utilizando-se amiúde de elementos locais dentro de uma perspectiva e narrativa globais. É o local influenciando o global e o global interferindo no local, numa relação dialética, articulada e interdependente, metamorfoseando as identidades ou reiterando-as, na medida em que oferece mais padrões de ser e sentir.
(MARTINS; PAIVA; SOUZA , 2015, p. 11)

Pudemos compreender que existem várias formas e conceitos sobre hibridismo do passado aos tempos atuais, exemplificando suas formas e conceitos, vimos que há divergências entre autores, mas em relação à arte que é o que mais interessa a discussão, observamos que, estilos musicais e artísticos se unem se hibridam e se mesclam dando origem a outros e outros, e devido às tecnologias atuais aceleram-se estes processos, pois no próximo capítulo veremos as características do Heavy Metal, do Folk europeu, e da união dos dois, pois foram fundamentais para a formação do Folk Metal, estilo musical híbrido em estudo, veremos também que não teve um criador, mas foi construído através do tempo com influências artísticas culturais entre as bandas, histórias e mitologias. Discutiremos como os dois estilos se uniram tão bem, com a hipótese de que surgiram nas mesmas regiões.

CAPÍTULO 03

DESVENDANDO O FOLK METAL CANÇÕES E TRADIÇÕES

3.1 Características: Folk Metal e música

O Folk Metal é um dos subgêneros do Heavy Metal que mistura com o tal estilo, uma cultura milenar sendo exposta em suas letras e musicalidade como instrumentos e escalas usadas pelos músicos além de vestimentas usadas por estes que remetem ao passado tribal europeu anterior e posterior ao Império Romano, com alguns toques do período medieval, logo creio que desvendar este estilo seria interessante, pois aborda conhecimentos além de alçadas musicais, mas também discorre sobre, História, Mitologia, Arqueologia, Antropologia e estudos culturais afins.⁴



Figura-2 Banda In Extremo, com guitarra e gaitas de fole.

Vamos nos ater as características do Heavy Metal a seguir onde os instrumentos usados são, guitarras, baixo, bateria, voz e às vezes teclado. As guitarras possuem timbres graves e distorcidos, explorando técnicas de power chords, escalas pentatônicas proveniente do Blues que também é precursor do

⁴ Também veremos características do Heavy Metal e do Folk europeu e vamos tentar compreender como se deu esta mistura, que não foi criada por alguém ou alguma banda, mas se construiu através do tempo.

Rock, além de escalas diatônicas e influências de outras escalas provenientes de técnicas de músicas eruditas. Também com estes conjuntos de técnicas, usadas no contrabaixo e teclado. Os vocais na maioria das vezes são masculinos, com bastante exploração de timbres agudos, utilizando um pouco de drive (nota rasgada) às vezes, que são características consagradas por Robert Plant, Ozzy Osbourne e Ian Gillan, que influenciaram toda uma geração de artistas de Metal Melódico e que em algumas bandas, também conta com vocais femininos. Logo Jucimar Santos também nos diz um pouco sobre este assunto:

O heavy metal é o formato musical que mais priorizou o uso da distorção. O estilo é derivado direto do hard rock produzido na década de 60. Atribui-se principalmente às bandas Led Zeppelin, Black Sabbath e Deep Purple a formatação inicial do estilo. As bandas clássicas tinham como característica: o virtuosismo dos instrumentistas, em especial dos guitarristas; a exploração de riffs nas composições; o uso do power chord etc. O vocal agudo foi utilizado por boa parte das bandas. (SANTOS, 2002, p.45)

Mas nos anos 80 surgiu outra vertente de vocal mais gritado, rasgado, e rápido que são marcas das bandas de Trash Metal como *Metallica*, Sepultura e *Slayer* influenciados pela voz rouca de Lemmy Kilmister, sendo chamado até de vocal “gutural”, além de guitarras bem mais distorcidas e graves, com acordes mais “cheios”, também com bateria e contrabaixo tocados em compassos extremamente velozes, portanto veremos uma explicação mais técnica de Jucimar Santos:

As grandes mudanças timbrísticas do formato metal aconteceram na década de 80, com o surgimento do death metal e do trash metal. O death metal explorou a velocidade do hardcore e os vocais guturais, aplicando, também, mais drive à distorção. As mudanças continuaram com as bandas de trash, que tenderam mais para o grave, por causa do corte dos médio-agudos na equalização das guitarras distorcidas e também dos vocais guturais (influência do death). (SANTOS, 2002, p.45)

O Heavy Metal atualmente possui centenas de subgêneros provenientes da fusão de quase todas as características citadas anteriormente, mas o Folk Metal, que também surgiu desta união, tem como parte marcante as características do folclore europeu, que serão explicadas a seguir e posteriormente o Folk Metal em si.

Portanto as características do folclore europeu foram apropriadas pelo Folk Metal e seus desdobramentos por duas vias, a musical e literária.

A literária é baseada em mitologia dos povos célticos e germânicos, nome dos povos chamados de bárbaros pelos romanos que habitavam a Europa dentre várias tribos, dantes e durante a invasão do Império Romano, que terão seus desdobramentos explicados posteriormente.

A musical tem como ponto de referência canções antigas, que são passadas de geração em geração e são tocadas por grupos da atualidade, mas com repertório baseado em um folclore antigo, de origem irlandesa e escocesa, além de contar com instrumentos bem antigos, como gaitas de fole, pífaros, bandolim, violinos e o bodhrán, que é um instrumento de percussão conhecido como tambor irlandês.⁵

Portanto são grupos da atualidade como *Irish rovers* do Canadá, *The Dubliners* e *The kilkennys* da Irlanda e a dupla *The Corries* da Escócia formada por Ronnie Browne e Roy Williamson falecido em 1990, no entanto é interessante notar que também é encontrado nas mídias sociais, um bom acervo destes artistas.

Vejamos, o Folk Metal é um subgênero do Heavy Metal, híbrido da união deste com o Folk europeu, que tem como características marcantes próprias do Metal, como guitarras bem graves e distorcidas, vocal agudo ou “gutural” e grave, dependendo da banda, com o acréscimo de instrumentos antigos, quase os mesmos usados pelos grupos de Folk como os que foram citados anteriormente, além de arpas e acordeom. Em relação à composição das letras, temáticas de videocliques, de estética e de indumentárias dos músicos, são pautadas em mitologias nórdicas e célticas além de canções antigas destas mitologias também.

Logo, é importante frisar que há bandas de Folk Metal que se baseiam em mitologias e lendas nas suas letras e estética, mas algumas não se utilizam de instrumentos antigos como as bandas *Tyr* e *Amom Amarth*, mas também há bandas como *Korpiklaani* (Finlândia), *In Extremo* (Alemanha) e *Eluveitie* (Suíça), que usam tanto de letras “mitológicas” e “lendárias”, como o uso de instrumentos antigos também, além da arte da capa e interior dos álbuns lançados pelas bandas, que também seguem a temática Folk europeia.

⁵ Não somente o Heavy Metal ou o Folk Metal fazem esta mesma apropriação. Há grupos pop também.



Figura 3- Banda Korpiklaani, instrumentos e vestimentas de época.

Para entendermos melhor o que é Folk Metal, também precisamos entender um pouco de história, pois é um estilo musical que mescla com Heavy Metal o folclore das culturas dos povos que habitavam a Europa antes e durante a emancipação do império romano, que era habitada pelos povos chamados de bárbaros pelos invasores, como explica Max Botelho citando Montaigne:

Os romanos chamavam de bárbaros a todos os povos não romanizados, tendo herdado esse olhar etnocêntrico dos gregos, que por sua vez consideravam bárbaros todos os povos não helenizados, inclusive os romanos, conforme nos mostra Montaigne, ao relatar a impressão de Pirro, rei da região grega de Épiro, ao entrar na Itália e se deparar com a formação de combate do exército romano: “Não sei que espécie de bárbaros são estes, mas a formação de combate, que os vejo realizar, nada tem de bárbaro” (MONTAIGNE, 1972, p. 104). (MONTAIGNE apud BOTELHO, 2012, p. 61).

Portanto para os romanos eram bárbaros quase todos os povos não romanizados, inclusive povos orientais. Portanto as origens do Folk Metal vieram do folclore dos povos chamados de bárbaros que viviam na região que hoje é a Europa, que eram as tribos dos Gauleses, que segundo Max Botelho habitavam as regiões onde hoje é a França, Bélgica, Holanda, e norte da Itália, e as tribos Germânicas, que segundo o mesmo autor, viviam nas regiões próximas ao rio Reno que flui por uma parte da Europa que atualmente seriam Holanda, Áustria, Alemanha e Suíça.

Segundo estudiosos os povos bárbaros surgiram no sul da Alemanha a séculos antes de cristo, e se emanciparam por toda Europa inclusive nas regiões escandinavas, que posteriormente foram chamados de vikings, pois também há aqueles que chamam Folk Metal de Viking metal. Mas há divergências entre autores sobre as origens dos povos germânicos, como conta Max Botelho:

Não há consenso, entre os pesquisadores, sobre a origem dos povos germânicos: alguns consideram que seriam povos indo-europeus vindos da Rússia Oriental, outros que seriam povos nórdicos oriundos da Escandinávia e região do Báltico e, por fim, que seriam civilizações autóctones (nativas). Polêmicas à parte, desde a Antiguidade, a Europa era habitada por inúmeros povos germânicos, dentre eles os visigodos, ostrogodos, suevos, vândalos, burgúndios, francos, lombardos, hérulos, anglos, saxões, jutos, cimbrós, teutões, frisões, queroscos, rugios, marcomanos, quados.
(BOTELHO, 2012, p. 63)

Quando pensamos em bárbaros e vikings nas filmografias que relatam as tribos do norte da Europa existe uma espécie de estereótipos onde são mostrados povos atrasados primitivos, nômades e alguns provincianos, mas de acordo com Lucas Luiz Oliveira Pereira informa, os “bárbaros” não eram exatamente da forma apresentada em alguns filmes:

Atualmente, é comum assistirmos a filmes e séries de TVs nas quais os Vikings são retratados como “bárbaros”, em que a única função é roubar e saquear cidades em toda a Europa. Entretanto, podemos ler livros como ,Os Vikings’, de Johannes Brondsted, e ,Os vikings’, de Michel Gibson, e analisar que possuíam um grande talento pra diversos tipos de arte.
(PEREIRA, 2015, p. 77)

Podemos observar também que os povos chamados bárbaros do norte, os Vikings, tinham valores culturais e artísticos, mitologias e simbologia como conta Lucas Luiz Oliveira Pereira:

A civilização Viking, também conhecida como os povos da Escandinávia (região da Escandinávia atual, Suécia, Dinamarca e Noruega ao norte da Europa), possuía um grande talento para esculturas de madeira como totens aos deuses, colares e eram, principalmente, grandes construtores de

navios, o que se tornou mais famoso do que a própria civilização. (PEREIRA, 2015, p. 76)



Figura 4- Navio Viking chamado de Dracar (Drakkar)

Então, com a emancipação do império Romano ditada pelos imperadores que comandavam seus exércitos em combate contra Gauleses e Germânicos caçou e banuiu inclusive os Druidas que eram sacerdotes das crenças destes povos como diz Botelho:

O grande poder dos druidas conflitava com os interesses expansionistas romanos, uma vez que aqueles sacerdotes normalmente promoviam ações de resistência contra os invasores. Foram, por isso, severamente perseguidos por Júlio César; por Augusto, que proibiu a religião dos druidas entre os cidadãos romanos; por Cláudio, que proibiu completamente a sua prática mesmo entre os bárbaros, e por Nero, que os perseguiu na ilha inglesa de Man, queimando vivos alguns deles ,[...] (BOTELHO, 2012, p. 66).

Além dos pressupostos históricos segue-se aqui uma breve explicação de mitologia nórdica, nas quais se baseiam e se situam as temáticas das bandas, pois é semelhante à mitologia grega, com um deus para cada tipo de interseção nas orações dos pagãos, tendo Odin como o deus da guerra e dos mortos sendo o principal deus como Zeus na mitologia grega, seu filho Thor o deus do Trovão e seu Irmão Loki que representava caos e indisciplina, que eram de outro mundo chamado

Asgaard ou Asgaardia, dizia-se mundo, pois não havia o conceito de planeta, e onde habitavam os mortais que seria a Terra era chamada de Midgaard, além da crença em outros sete mundos reinados por Odin.

Outro ponto importante das mitologias nas letras do Folk Metal seria o ideal do guerreiro Nórdico ou Viking, que para merecer uma morte honrosa, deveria ser em combate, que após de morto sua alma seria levada pelas Valkyrias, filhas de Odin para seu palácio chamado Valhala, onde poderia banquetear com os deuses e lutar se reconstituir e lutar novamente, tendo estes privilégios concedidos por seus atos em batalhas em nome do deus Odin, também tendo este assunto comentado nas falas de Flávio Guadagnucci Palamin e Solange Ramos de Andrade:

Desse modo vemos no culto à Odin, em sua dupla caracterização (deus das batalhas e deus dos mortos), as principais preocupações que permeavam os povos mencionados. É motivação para o guerreiro viking entrar em batalhas a ideia de que – no âmbito religioso - com uma morte honrosa terá lugar garantido junto a Odin e outros diversos guerreiros valiosos de vários tempos, em Valhall. (ANDRADE; PALAMIN, 2009, p. 4)

3.2 Surgimento do Folk Metal em meio a outras vertentes de Heavy Metal

As bandas de Folk Metal mais consolidadas na atualidade, como Amom Amarth, Korpiklaani, Týr, Ensiferum, In Extremo e Turisas começaram suas carreiras nos anos noventa, pois surgiram de uma derivação do Heavy Metal tradicional chamada de *Power Metal*, *Hevy Metal* melódico ou sinfônico. É um subgênero que não se criou com uma banda fundadora, mas que se transformou a partir de bandas já existentes, como é o caso das pioneiras do Metal como *Black Sabbath*, *Led Zeppelin* e *Deep Purple*, que continham pequenos fragmentos em suas letras sobre mitologia céltica, baseadas em histórias como bruxaria, demônios e o *Valhala*, além de riffs de guitarras e baixo que remetiam a músicas célticas também, portanto veremos a explicação de Jurcimar Santos sobre este termo em música:

O riff, por sua vez, é uma frase melódica instrumental que se repete durante a música, conduzindo e ajudando a criar uma identidade para a composição. O estilo que mais soube utilizar esse recurso foi o heavy metal, mas em todos os estilos encontramos grandes sucessos impulsionados por um bom riff. (SANTOS, 2002, p.23)

Posteriormente, pautado nesta mesma temática surge o *Iron Maiden* que durante sua carreira tem como fonte de inspiração de suas letras a cultura do Folk europeu.

Logo observamos que através do tempo bandas de metal europeias começaram a colocar aos poucos elementos da cultura folclórica da Europa no Heavy Metal, com bandas como *Iron Maiden*, explorando escala musicais célticas, *Blind Guardian* que além de escalas, compunham suas letras baseadas nas obras de Tolkien, que são inspiradas em mitologias de origem céltica e nórdica, como conta Lucas Pereira falando sobre dragões:

A presença da fera demonstra novamente a influência dos mitos e as lendas da sociedade viking. Esse monstro mitológico participava de cantos heroicos, entre o mais famoso de Beowulf, um guerreiro que acaba se tornando rei e morre lutando contra um dragão. O escritor J. R. R. Tolkien irá utilizar essa lenda como base para escrever a relação do dragão Smaug no livro *O Hobbit*, lançado em 1937, assim como na lenda, a serpente de asas se enfurece ao ser roubada e destrói tudo ao redor. (PEREIRA, 2015, p. 82)

Nos processos de criação do Folk Metal as bandas fazem pesquisas em livros de mitologias célticas e nórdicas, pesquisam instrumentos antigos, lendas locais transmitidas por oralidade de suas respectivas regiões e cantigas tradicionais, história de reis, rainhas desaparecimento e surgimento de Côrtes em geral, batalhas épicas, além do folclore marítimo paralelo ao folclore “terrestre”, com lendas sobre navios fantasmas, criaturas do mar, espíritos e batalhas.

Observamos também que o Folk Metal, foi se construído aos poucos, e o interessante é ver a fusão de uma cultura, diga-se que seja anterior a Cristo, que ressurge nas letras e melodias do gênero musical em estudo.

Nos anos dois mil com o avanço da velocidade da internet e criação e desenvolvimento do Youtube e redes sociais, bandas de Folk Metal passaram a ser bem mais conhecidas, acompanhando o desenvolvimento dos meios de comunicação digital, pois hoje encontram-se na web letras, vídeos, musicas e acervos variados sobre musica céltica tradicional e Folk Metal.

3.3. Por que foi efetivo Folk e Heavy Metal? Hipóteses e evidências

Agora vamos discutir porque a mistura de música Folk com Heavy Metal, que deu origem a um elemento cultural híbrido, deu tão certo, com a hipótese de que surgiram basicamente nas mesmas regiões e observaremos as evidências nas canções de Metal antes da fusão com o Folk que já continham algumas características destas antes do surgimento do Folk Metal atual.

As primeiras bandas de Hard Rock que deram origem ao Heavy Metal na década de 70 eram provenientes da Grand Bretanha e Irlanda, berço da musica céltica, que é a música folclórica da Europa mais conhecida na atualidade, tempos atrás o grupo *Led Zeppelin* escreveu uma música chamada *Immigrant Song* que saiu no disco *Led Zeppelin III* em 1970 que falava sobre invasões vikings, portanto veremos um trecho traduzido dela:

“Nós viemos da terra Do gelo e da neve Do sol da meia-noite Onde as fontes quentes explodem O martelo dos deuses vai guiar Nossos barcos para novas terras Para combater a horda, cantar e chorar Valhalla, eu estou indo”.

Fica claro que já falavam sobre o Valhala em suas letras e o guitarrista Jimmy Page já usava uma afinação de instrumentos antigos em sua guitarra. O Black Sabbath também falava de misticismo e ocultismo em suas letras e em 1988 a banda Iron Maiden lança o álbum *Seventh Son of a Seventh Son* com a letra da música de mesmo nome que versa sobre a lenda com origem nos países da Europa setentrional onde o sétimo filho, filho de um sétimo filho⁶, teria poderes mágicos sobrenaturais como diz a tradução da ultima estrofe da letra:

“Hoje nasce o sétimo Nascido de uma mulher o sétimo filho E ele, por vez, filho de um sétimo filho Ele tem o poder para curar Ele tem o dom da segunda visão Ele é o escolhido Assim deve ser escrito Assim deve ser feito”.

⁶ Foi gravado um filme em 2015 chamado O Sétimo Filho com temática viking/medieval.



Figura 5 - Capa do álbum Seventh son of a Seventh son do Iron Maiden

Formada na década de oitenta a banda alemã *Helloween* que também teve origem em um país com arcabouço cultural sobre mitologias citadas anteriormente, lançou em 1988 o disco *Keeper of The Seven Keys parte II* com a letra homônima que versava sobre guerreiros que veremos a seguir:

“Vista sua armadura Esfarrapada após as batalhas Empunhe sua espada
 Você está deixando a luz Fique preparado Para os senhores das trevas
 Eles observarão seu caminho Então seja cauteloso, silencioso e atento”

Uma banda também alemã a *Blind Guardian* citada anteriormente por compor suas canções baseadas nas obras de J. R. R. Tolkien, compôs no disco *Follow the Blind* gravado em 1989 a música *Valhalla* que fala sobre a morada dos deuses nórdicos:

“Valhalla, libertação Por que você já me esqueceu? Valhalla, libertação Por que você já me esqueceu? Valhalla, libertação Por que você já me esqueceu? Oh, Valhalla”.

Pudemos observar nas evidencias antes do surgimento de bandas de Metal que versam quase que exclusivamente na temática Folk em suas obras, a forte influencia das culturas folclóricas europeias nas canções de bandas pioneiras e inovadoras do Hevy Metal citadas anteriormente. No inicio do texto foram descritas as principais características do Folk Metal, a seguir veremos um trecho letra da

música *Hold the Heathen Hammer high* lançada em 2009 pela banda *Týr* fazendo uma possível referência ao martelo de Thor chamado *Mjölmir* de acordo com as mitologias, também citado na letra de *Immigrant Song*:

“Tempo selvagem Lâminas sombrias Olhos zangados Ataque impiedoso
Coração pagão Orgulho pagão Indo longe Espada ao lado Duro e frio Erga
o Martelo Pagão ao Alto Erga o Martelo Pagão ao Alto Erga o Martelo
Pagão ao Alto”.

No videoclipe da mesma música no ar no Youtube a banda aparece tocando dentro de um Drakkar (Dracar), que era o nome de uma embarcação viking, que tinha uma cabeça de dragão esculpida em madeira na sua proa, famosa por aparecer em filmes que retratam os vikings como no início de *O Décimo terceiro guerreiro* e na série *Vikings* do Netflix.

A banda *Amom Amarth* de Folk Metal também considerada Death Metal melódico da Suécia que tem como característica o vocal gutural ao invés de agudo, dependendo da localização do show, quando viável a produção monta uma réplica de Drakkar no palco onde fica o baterista, com o restante da banda executando sua performance ao vivo, além da apresentação de dublês encenando um combate viking em algumas ocasiões.



Figura 6 - Banda Amom Amarth com navio no palco.



Figura 7- Combate simulado durante a apresentação da banda Amom Amarth.

Observamos também a letra de *The Pursuit Of Vikings* do disco *Fate of Norns* do Amom Amarth lançado em 2004 que também fala sobre invasões vikings e pedindo a intercessão do deus Odin, parecida com a escrita pelo *Led Zeppelin* citada anteriormente, mas com uma estrutura mais consolidada no Folk Metal atual, tanto quanto lírica quanto instrumental:

“Odin! Guie nossos navios Nossos machados, lanças e espadas
 Nos guie por tempestades que chicoteiam E na guerra brutal Nossos
 navios nos esperam no porto Chegou a hora de deixar Nossa terra, família e
 lar Pelas riquezas no leste”.

3.4 Folk Metal em meio ao mercado fonográfico

Antigamente a indústria fonográfica vivia da venda de discos, posteriormente de CD's, mas com o desenvolvimento das tecnologias de informação acontece o seguinte com as gravadoras de Folk Metal.

Os grandes conglomerados não apoiam este estilo, pois a venda de CD's é baixa, vejamos, a venda de discos compactos caiu para muitos artistas nos anos 2000, há artista populares que ainda somam em seu orçamento a venda de discos, mas as grandes gravadoras comumente chamadas de *Majors* hoje apostam apenas

em artistas famosos e populares, com a hipótese de que terão tiragem alta de discos. No entanto Rose Marie Santini e Clóvis Ricardo M. De Lima falam como se dá a questão da disseminação de músicas nas mídias atuais relacionadas ao mercado fonográfico:

A transmissão de arquivos musicais na Internet muda as relações entre produtores e consumidores de música. Por um lado, os produtores de música podem disseminar com facilidade a sua obra, tornando-a virtualmente acessível a milhões de pessoas sem grandes custos de distribuição. Por outro lado, os consumidores podem recuperar e usar arquivos musicais sem depender da mediação da indústria fonográfica. A possibilidade de que a música circule sem um suporte físico faz com que produtores e consumidores dependam menos da intermediação da indústria fonográfica. As máquinas e seus mecanismos de busca ampliam as possibilidades de encontro entre o público, as obras e os autores.

(LIMA; SANTINI, [----], p. 11-12).

Então como sobrevive o Folk Metal e inclusive bandas de outros subgêneros do Metal em meio a isso?

As gravadoras *Nuclear Blast*, *Napalm Records*, *Roadrunner* e *Metal Blade*, que já foram pequenas, mas que hoje estão se consolidando, apostam no máximo de bandas possíveis e produzem videoclipes para o Youtube, e lucram com os patrocínios nos vídeos postados e lucram alguns centavos por visualização do vídeo, logo quanto mais bandas e clipes bem produzidos, mais lucros para as gravadoras de bandas de Metal terão, para repartirem com estas também, que não são gigantes como EMI e Sony, mas também não são tão pequenas, devido ao Youtube e o aos milhões de visualizações de fãs. Lima e Santini também explicam esse processo relacionando-o a pequenas gravadoras:

Devido ao barateamento e descentralização da produção - estúdios, editoras, gráficas e distribuidoras menores surgem em grandes quantidades para atender a demanda dos artistas independentes – os músicos e interpretes começam a ganhar maior autonomia para a produção e distribuição de suas obras e a descobrir nichos de mercado periféricos.

(LIMA; SANTINI, [----], p.13)

O Folk Metal surgiu de pouco em pouco, mas hoje as gravadoras médias, apostam em um gênero musical que está se consolidando e apoiam contratando mais bandas de Folk Metal.

Grande parte do Acervo do Folk Metal está disponível no Youtube, e é possível comprar, baixar de graça ou ouvir por aplicativos de streaming os discos das bandas, e ter acesso às letras de forma gratuita, sem que as bandas dependam das *Majos* como explicado a seguir pelos mesmos autores:

Os artistas não precisam passar pela intermediação industrial das gravadoras para chegar até suas platéias. Eles podem formar seus próprios públicos consumidores na Internet e os ouvintes aficionados os ajudam, repassando ou filtrando as músicas para seus amigos.

(LIMA; SANTINI, [----], p.13)

Mas para entrar em contato mais profundo com o estilo musical em estudo, seria importante ir a shows e festas temáticas (confira anexo), pois há também encontros de fãs do estilo em estudo. Por quê?

As bandas não vendem grande quantidade de discos compactos, logo para “sobreviverem” necessitam fazer shows ao redor do mundo, e em pequenos festivais temáticos exclusivos para bandas de Folk Metal, no entanto diferente das bandas de Metal Tradicional, as bandas do estilo em estudo e algumas bandas de Metal melódico, promovem shows temáticos, pois assistir a um show é uma experiência em que o público compartilha entre si, logo os shows das bandas, dos estilos citados anteriormente, possuem um conteúdo temático, envolvendo as vestimentas dos músicos, os painéis, e o cenário do palco relativo às letras das músicas, além de fãs que vão aos shows caracterizados de kilt (saia escocesa) e vestimentas medievais em geral, ou fantasiados de pirata como os músicos da banda Alestorm.



Figura 8 - Sami Hinkka da banda Ensiferum usando kilt.



Figura 9 – Banda Alestorm que segue temática folclórica marítima.

3.5 Folk Metal e territorialidades

Além de tudo, a passagem de bandas de Folk Metal não é corriqueira aqui no Brasil, no entanto os fãs promovem encontros temáticos reunidos em parques, áreas arborizadas e levam instrumentos musicais fazem piqueniques, leituras de livros sobre mitologias e lendas e cantam canções célticas, e festejam o passado do folclore europeu. Como observado no relatório dos eventos Kingdoms Game Festival e Feira Medieval da UFF, (confira anexo) e da divulgação de eventos voltados para o Folk Metal no grupo Aliança Folk & Metal BR disponível na rede social Facebook, que serão esclarecidos posteriormente.

Comparando de maneira uma tanto peculiar seria como se os fãs de Forró passassem a gostar de Raimundos que misturava musica nordestina tradicional com Punk Rock e Heavy Metal, e se os fãs de Raimundos passassem a gostar de Forró.

Então, o que acontece é o seguinte, fãs de Folk Metal passam a escutar músicas folclóricas tradicionais, e fãs de Folk europeu passam a escutar Folk Metal além de versões das mesmas em Heavy Metal.

Logo comparando com o texto de Goldstein observamos que a arte aborígene em aquarela, que surgiu da técnica não indígena, misturada com cultura tribal Indígena, que deu origem a um elemento cultural híbrido e novo de duas culturas diferentes, no caso das bandas de Folk Metal, são músicas de tribos europeias, misturadas com Heavy Metal, logo são musicas, antigas misturadas com um estilo

musical moderno, que chega a outro ponto, de que a arte não precisa estar no mesmo tempo para criação de um estilo, pois por exemplo, uma peça escrita a centenas de anos pode ser encenada hoje, no caso do Folk Metal são músicas escritas a muitos e muitos anos atrás que recebem a sua versão em Heavy Metal, além de servirem para a composição de outras canções hoje, dando origem a um elemento cultural novo e híbrido.

CONCLUSÃO

Em relação ao primeiro capítulo foram tratadas questões de identidades culturais, e vimos que as identidades podem ser múltiplas e facetadas quando falamos de cultura. Uma cultura exposta atualmente pelos meios digitais com uma vasta oferta cultural, que não restringe o indivíduo a apenas um nicho cultural, mas o põe em contato com meios diversos, com os quais se simpatiza e se identifica, podendo ser portador de identidades culturais diversificadas, tendo acesso a elementos culturais múltiplos, em muitos campos das artes.

Portanto a identificação do fã de Folk Metal com este estilo também não se dá através de mídias de massa como televisão e rádios, mas é encontrado um bom acervo de músicas, letras, shows e videoclipes pela internet, tendo-a como um grande suporte para a divulgação deste gênero musical, além de festas e eventos temáticos de cultura medieval e viking (confira anexo), que são as principais fontes de inspiração do Folk Metal divulgados na Web também. Vimos que o Brasil não teve traços de uma cultura medieval e viking na história de sua formação étnico cultural, mas variados elementos destas culturas são encontrados nas mídias cibernéticas, o que não impede que seja possível à identificação dos fãs com o Folk Metal com este estilo. Não podemos afirmar com muita certeza através de meios científicos se o Folk Metal é um sucesso mundial, mas as bandas proponentes deste estilo, realizam turnês por várias partes do mundo inclusive aqui no Brasil como explicitado no final do capítulo.

No segundo capítulo foram tratadas questões relacionadas ao hibridismo entre culturas, que são elementos culturais diferentes que se unem e dão origem a um elemento cultural novo, com visíveis características de ambos. Foram tratados exemplos de hibridismos culturais que surgiram por embates culturais como no caso do sincretismo religioso e também os que surgiram de formas amigáveis e favoráveis no caso de alguns estilos musicais que estão em voga até hoje como o Blues, Rock e Heavy Metal que foram explicitados pelo motivo do Folk Metal ser um subgênero do Metal, híbrido da união do Heavy Metal tradicional com a cultura folclórica europeia, que consiste em mitos e lendas das mitologias célticas e nórdicas, canções e elementos culturais antigos da Europa Setentrional, Grand Bretanha e Irlanda, dantes da invasão do Império Romano até a era medieval.

No terceiro e último capítulo discutimos as principais características do Heavy Metal, do Folk europeu e do Folk Metal, e foram elucidadas questões sobre os elementos culturais da Europa, dos povos chamados de bárbaros pelos romanos que na verdade eram os vikings e celtas, os quais são as principais fontes de inspiração na produção estética e audiovisual do Folk Metal, além da inclusão de instrumento antigos como violinos, arpas e gaitas de fole às tradicionais graves e marcantes guitarras, bateria e contrabaixo do Heavy Metal tradicional, além das considerações da existência deste estilo em meio ao mercado fonográfico atual, também foi discutido através de hipóteses e evidências no próprio Rock e Metal de porque o hibridismo do Folk com “Rock Pesado” foi tão produtivo, angariando fãs pelo mundo.

Então pudemos observar que o hibridismo e apropriação do Folk Metal são visíveis quando são incorporados ao Heavy Metal instrumentos antigos como os citados anteriormente que possuem timbres agudos e leves aliados à musicalidade grave do Metal, acompanhando as melodias cantadas e tocadas pelos demais integrantes das bandas, e as vestimentas usadas por estes, remetem as que eram usadas por guerreiros vikings, celtas, e cavaleiros medievais além de também usarem kilts⁷, e é possível observar os músicos com vestes de época tanto em seus shows quanto no projeto estético de seus videoclipes, e também há bandas de Folk Metal que não usam instrumentos antigos, mas também como as demais mantêm-se as vestimentas, e nas letras as respectivas menções sobre mitologia céltica, nórdica, lendas sobre deuses como Odin e Thor, guerreiros, batalhas, armas de combate como machados e espadas, que são pesquisadas pelos compositores em livros mitológicos e grupos de canções antigas para elaborarem os processos de criação de arte em geral do Folk Metal. Além da criação da arte da capa e interior dos discos gravados, pautados na simbologia estética viking, céltica e nórdica.

Concluimos que as questões de identidade cultural e identificação dos fãs do estilo musical em estudo se dão pelos meios digitais, que a união do Heavy Metal com o Folk é um processo de hibridismo, e que o Folk Metal se diferencia dos demais subgêneros do Metal devido a sua inclinação de reviver elementos da cultura folclórica da Europa em união a um estilo musical consolidado que se torna híbrido.

⁷ Saia de origem escocesa também usada por homens.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Solange Ramos; PALAMIN, Flávio Guadagnucci de. **Morte e Juventude na Mitologia da Europa Setentrional**. Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. ISSN 1983 - 2859. ANAIS DO II ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES Revista Brasileira de História das Religiões ANPUH Disponível em <www.dhi.uem.br/gtreligiao/rbhr/morte_e_juventude_na_mitologia.pdf> Acesso em 04/11/2106

BARBALHO, Alexandre. **Política Cultural: um debate contemporâneo**. Salvador: EDUFBA, 2005.

_____. **Textos Nômades, Políticas, Cultura e Mídia**, Fortaleza Banco do nordeste do Brasil, 2008.

BOTELHO, Max. **Os povos bárbaros**. Pergaminho, (3):61-70, nov. 2012 Centro Universitário de Patos de Minas. 2012. Disponível em

<<http://pergaminho.unipam.edu.br/documents/43440/43870/os-povos.pdf>> Acesso em 03/08/ 2016.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2015.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **Autoria, autenticidade e apropriação: Reflexões a partir da pintura aborígine australiana**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 27, nº 79, junho de 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n79/a06.pdf> > Acesso em 22/05/2015

HAESBAERT, Rogério. **Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade**. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, p. 27-46. ISBN 978-85-232-1238-4.

Disponível em <<http://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-03.pdf>> Acesso em 16/10/2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed, Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

KERN, Daniela **O conceito de hibridismo ontem e hoje: ruptura e contato**

MÉTIS: história & cultura – v. 3, n. 6, p. 53-70, jul./dez. 2004 Disponível em

<www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/download/1158/797> Acesso em 08/11/2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 24.ed Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MARTINS, Guilherme Paiva de Carvalho; SOUZA Lázaro Fabrício de França; PAIVA, Shemilla Rossana de Oliveira. **Música, globalização e hibridismo: elementos preliminares para se pensar heavy metal , mundialização e identidade**. 2015 IS Working Paper, 3.^a Série, N.º 8 Disponível em <http://isociologia.pt/App_Files/Documents/wp8_151218115305.pdf> Acesso em 01/11/2016.

MAIA, Rousiley. **Identidades coletivas**: negociando novos sentidos, politizando as diferenças. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/download/453/376>. Acesso em 01/06/2016.

PEREIRA, Lucas Luiz Oliveira. **Vikings: a arte como identidade**. Pergaminho, (6): 76-83, dez. 2015. Centro Universitário de Patos de Minas. Disponível em

<<http://pergaminho.unipam.edu.br/documents/43440/1030176/7+-+Vikings+-+a+arte+como++identidade.pdf>> Acesso em 03/09/2016.

SANTINI, Rose Marie; LIMA, Clóvis Ricardo M. De. **Difusão de música na era da Internet**. Disponível em

<<http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/pdf/ClovisMontenegroDeLimaRoseSantini.pdf>> Acesso em 05/10/2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In **Reconhecer Para libertar: os**

caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Jucimar José Ferreira Dos - **Uma Análise do timbre da distorção no cenário da música Pop.** Projeto Experimental. Apresentado ao Curso de Comunicação da Universidade 2002. Disponível em <www.facom.ufba.br/portal/wp-content/uploads/2013/04/projetojucimar1.pdf> Acesso em 03/07/2016.

SOUSA Leila Lima de. **O processo de hibridação cultural: prós e contras.** Revista Temática. 2012 Ano IX, n.03. Disponível em <http://www.insite.pro.br/2013/janeiro/processo_hibridacao_cultural.pdf> Acesso em 12/10/2016.

ANEXOS

Para tentar observar na prática os hibridismos que analisei na música busquei acompanhar alguns eventos que tem por objetivo o culto à Cultura Nórdica e/ou Medieval.

Relatório da Feira Medieval da UFF e Kingdoms Game Festival.

O Centro de Artes da UFF realizou de 24 a 31 de Julho de 2016 o Festival de Música Antiga em homenagem ao cravista Roberto de Regina, com apresentações de várias orquestras e conjuntos, onde na abertura do evento houve a apresentação do Grupo de Música Antiga da Universidade, liderados por Márcio Selles com o repertório baseado em músicas do tempo de William Shakespeare, presentes em suas obras e também contou com apresentação dos mesmos no encerramento do evento.



Figura 10- Feira Medieval da UFF nos jardins da Reitoria

Também na programação do Festival foi aberta a Feira Medieval da UFF nos Jardins da Reitoria em frente ao Centro de Artes no dia 31 às 11 horas da manhã antes da apresentação final, que ocorreu às 19:30 horas.

A feira contou com barracas de exposição e venda de artesanatos torneados em madeira, com uma estética que remetia a objetos de arte antiga, com a presença de um Luthier⁸ entalhando um instrumento antigo parecido com um violino, também com barracas de hambúrgueres, espetinhos de frango e bebidas, como cervejas artesanais, degustação e venda de hidromel da marca Kalèvala, que é uma bebida alcoólica feita com mel desde o tempo dos Vikings, e com jogos medievais, malabarismo e encenação e batalhas feitas pelo grupo Machados do Pântano.



Figura 11- Luthier fabricando instrumento antigo

No decorrer da feira, que era de entrada franca, centenas de pessoas jovens crianças, adultos, além de vários grupos de amigos com camisas de bandas de Rock e estampa de filmes também, passeavam, conversavam bebiam e lanchavam ao som de gravações de musicas antigas que saiam nas caixas de som em frente à bilheteria do Centro de Artes. E enquanto conversavam e se divertiam, jogavam jogos medievais e assistiam apresentações de malabarismo aguardando a apresentação do grupo de batalha viking, que fez seu número no final do evento, onde o público assistiu os “dublês” a caráter como guerreiros antigos com réplicas de machados, escudos e espadas de madeira, que se enfrentaram, lógico que com movimentos ensaiados e coreografados simulando um verdadeiro combate, que ao

⁸ Mestre na arte de fabricar e consertar instrumentos musicais.

forte som do bater de escudos e replicas de espadas, fizeram uma apresentação que deixou o público bem empolgado.



Figura 12- Grupo Machados do Pântano encenando combate viking

O evento Kingdoms Game Festival aconteceu entre os dias 8 e 9 de outubro no Sítio das Pedras em Vargem Grande, na cidade do Rio de Janeiro, foi um evento de cultura medieval e jogos de RPG, com a abertura dos portões a partir das 10 horas da manhã e o ingresso custou 80 reais. Logo na entrada do evento havia uma bancada com membros da produção a caráter com vestes de época, onde o participante deveria trocar cédulas de Reais, pelas moedas do evento, que lembravam moedas antigas com as quais deveriam ser pagas para consumir no evento, como se fossem fichas, as grandes com valor de 10 reais uma média que valia 5 e uma pequena que valia 2 reais.

Os donos do Sítio das Pedras costumam alugar o local para eventos, e esse ano foi a segunda edição do evento citado, e é um espaço bem grande com um campo de futebol, piscina e vários bosques bem arborizados. Havia uma parte coberta, após o estacionamento, que era a primeira “instalação” do evento com várias barracas com expositores que tinham a venda livros, artesanatos, artigos em

couro, medalhões, bijuteria, cristais e fragrâncias inspirados e voltados para cultura antiga e medieval, além de hidroméis da marca Velho Mundo.



Figura 13- Feira de artigos vikings e medievais

A outra parte coberta era onde ficava a churrasqueira, local onde foi preparado o lanche, que era uma carne na chapa com pão rustico, parecido com pão de hambúrguer e espetinhos de frango e carne de porco.

Poucas horas antes do lanche ser servido além de maçãs e uvas “de graça”, começavam a chegar as caravanas de cosplayers medievais e vikings, que ficaram praticando suas lutas e golpes antes da abertura oficial dos jogos, lembrando que este evento não era apenas um evento de cultura medieval com a proposta de imersão imaginária num tempo do passado, mas de RPG, onde cada um deveria “interpretar personagens” perante as regras do jogo.

Mais tarde a partir das 15 horas depois que todas as pessoas presentes e a caráter com vestes como nos tempos antigos e medievais almoçaram, houve a cerimonia de abertura com a nomeação do novo rei, onde rei do evento anterior passava a coroa para rei do evento atual, depois disso ligaram uma caixa de som a bateria mesmo, e uma participante do evento fez uma apresentação de dança cigana para o “Rei” e sua “Côrte”, após isso os cosplayers e jogadores se separaram e começaram suas lutas com escudos e espadas feitos de isopor, plásticos e borracha, para que não se machuquem é claro.



Figura 14- Combate simulado de RPG

Posteriormente por volta das 17 horas o grupo Machados do Pântano também se apresentou no campo de futebol onde tinha uma fogueira no centro, que seria acesa a noite para os participantes que fossem pernoitar por lá. A encenação de batalha medieval/viking seguiu como a que foi feita na Feira Medieval da UFF, deixando o público bem entusiasmado.

Ao cair da noite a banda Tailten que durante o início do evento ficou acampada num bosque junto ao grupo Machados do Pântano que também almoçaram com comida feita na fogueira como nos tempos antigos, fez sua apresentação na “Taberna Roda Quebrada” que era o nome da parte coberta onde ficava a churrasqueira do sítio, com o repertório baseado em clássicos de música céltica, folk Irlandesa e escocesa que agradou bem ao público que cantou e dançou bastante incluindo crianças, que também estavam a caráter como seus pais. Houve também uma apresentação acústica da banda de Metal Melódico Lyria, que tinha uma mulher como vocalista, mas não estava presente.



Figura 15- Apresentação da banda Tailten.

O evento também contou com aulas e práticas de arquearia, que custavam 20 reais por pessoa que tinha direito a praticar durante todo o evento, com arcos e flechas feitas de madeira e cano de pvc, que também poderiam ser adquiridos por 150 reais. À noite o evento promoveu um banquete medieval, para participantes que pagaram uma taxa extra além do ingresso, não estava presente, mas este acontecimento também estava na programação, mas tinha maior benefício para quem ia acampar de um dia para o outro.

Em relação aos eventos parece ser uma confraternização com tradições do passado em que Canclini comenta um pouco sobre isto:

Nunca houve tantos artesões como músicos populares, nem semelhante difusão do folclore, porque seus produtos mantêm funções tradicionais (dar trabalho aos indígenas e camponeses) e desenvolvem outras modernas: atraem turistas e consumidores que encontram nos bens folclóricos signos de distinção, referências personalizadas que os bens industriais não oferecem. (CANCLINI, 2015, P. 22)

Há na rede social Facebook, um grupo chamado Aliança Folk & Metal BR, que divulga eventos e abre discursões sobre o estilo musical em estudo, contendo os seguintes eventos em datas que ocorreram durante a elaboração e conclusão do trabalho monográfico, mas não pude estar presente, portanto deixo aqui um pouco de informação sobre estes:

12º VALHALLA DAY - Edição Especial OSTARA! (Festa Viking) – 26/11/2016

Resumo:

Valhalla Day é mais do que uma simples celebração. Uma reunião de amigos cuja pauta é conversar sobre mitologia nórdica, ensinar instrumentos, jogar jogos de tabuleiros antigos, beber hidromel, cerveja e comer um bom prato típico. Resumindo: é uma festa regada de música boa, pessoas animadas, casa decorada e aquilo que nunca pode faltar: comida e bebida! Uma troca de experiências, cultura e amor pelo assunto.

Local: Buffalos Bar / Meier/ Rio de Janeiro Horário: 21:00 - 5:00 Horas.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/events/1866835286883594/>

Filhos de Asgaard- Festa Viking – 02/12/2016

Resumo:

Além do mundo que você conhece existe um reino eterno: Asgard. A luz brilhante para os nove mundos, Asgard é um lar para os deuses. Deuses que se ajoelham perante o grande pai: Odin .A força vital de Odin flui por toda a Asgard. E Asgard é Odin. O seu poder é soberano e ele mantém o reino de Asgard em segurança.

Com os DJ's Skalds, DJ Rasputin, Storm DJ.

Local: Castle of Vibe/ Lapa. Horário: 23:00 – 5:00 Horas.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/events/1172067076219223/>

Ultimo encontro Viking 2016-11/12/2016:

Resumo:

No dia 11 de Dezembro de 2016 realizaremos nosso encontro tradicional do mês para um Bate papo, pic nic, conversas sobre a cultura nórdica, comer e beber em companhia de Bons!

O objetivo de marcar encontros, é promover a cultura viking, jogos antigos, lutas, estudos históricos, mitologia nórdica, musicas e etc.

Local: Quinta da Boa Vista/ Horário: 11:00 - 16:00 Horas

Disponível em:

<https://www.facebook.com/events/1810980192516739/>

Notícia publicada no site Whiplash em 02/11/2016

Odin's Krieger Fest: edições confirmadas em São Paulo e Curitiba

O Odin's Krieger Fest está celebrando mais uma edição em grande estilo e em dose dupla. A organização do maior festival de música viking/folk do Brasil anunciou, recentemente, que vai realizar, pela primeira vez, especiais edições em duas capitais: Curitiba (25/11 – Jokers Pub) e São Paulo (26/11 – Tropical Butantã).

Em ambas as ocasiões, a banda holandesa Heidevolk, um dos nomes mais importantes do pagan/folk metal mundial, será a atração principal da “Heathen Edition”. Lars Andreas (vocal), Jacco De Wijs (vocal), Joost Karel (bateria), Kevin Louis (guitarra), Koen Pieter (guitarra) e Rowan Roodbaert (baixo) vem ao país, pela primeira vez, em 14 anos de carreira. Neste momento, o grupo está promovendo “Velua” (Napalm Records – 2015), sucessor do aclamado álbum “Batavi”.

O line-up do Odin's Krieger Fest também tem grandes representantes do cenário nacional como Hugin Munin, Terra Celta, Taberna Folk, Confraria da Costa e Bardo e o Banjo. Além disso, o público poderá se deliciar com o famoso Hidromel Bee Gold, curtir a exibição de lutas nórdicas e ainda conferir uma exposição de produtos medievais.

Os fãs interessados em prestigiar a “Heathen Edition” podem garantir presença pelo site da Ticket Brasil e pontos autorizados pela empresa.

Disponível em <http://whiplash.net/materias/news_785/252080.html>

Acesso em 04/11/2



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 20/12/2016

Eu, **LEONARDO NUNES MONTEIRO**, CPF 133.825.297-69 formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada “**FOLK METAL: A APROPRIAÇÃO E O HIBRIDISMO CULTURAL**” defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.

LEONARDO NUNES MONTEIRO